A EXPERIÊNCIA DO TRABALHO COMUNITÁRIO DAS MULHERES INDÍGENAS SATERÉ MAWÉ NA COMUNIDADE SIMÃO

Marcos Antonio Braga de Freitas[*]
Iraildes Caldas Torres[**]

RESUMO

O propósito desta comunicação é apresentar os dados do trabalho comunitário das mulheres indígenas Sateré-Mawé da comunidade Simão, rio Andirá, Terra Indígena Andirá-Marau, município de Barreirinha, estado do Amazonas, a partir da experiência na produção e confecção de roupas no chamado Clube de Mães. Faz parte de uma pesquisa de grande porte nas comunidades amazônicas Simão e Umirituba, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Amazonas (FAPEAM) dentro do projeto *Gênero, etnicidade, práticas sociais e corporais das mulheres Sateré-Mawé em duas comunidades indígenas, no Amazonas*. O trabalho na produção de vestuário vem sendo desenvolvido desde 2007 com o apoio da Diocese de Parintins, que adquiriu cinco máquinas de costuras para a implantação desse projeto comunitário. As mulheres indígenas foram capacitadas no ofício de costureira, a fim de dominar as técnicas de corte e costura; bem como as máquinas. A produção de vestuários vem atender apenas as demandas da própria comunidade. O comércio se dá com a venda e troca das roupas produzidas entre os próprios comunitários. O referencial teórico-metodológico é embasado na teoria antropológica de estudos etnográficos e também das questões femininas contemporâneas nas leituras de Iraildes Caldas Torres. Esperamos que essa comunicação traga à tona os modelos em curso nas comunidades indígenas a partir de vivências interculturais com a sociedade, na inserção de outras formas de trabalho que historicamente predominam nas populações indígenas, como a produção de farinha e o plantio de diversas culturas para a sua sobrevivência, mostrando uma economia de subsistência.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres Indígenas; Trabalho Comunitário; Renda.

* Doutorando do Programa de Pós-graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas. Professor do Curso de Licenciatura Intercultural do Instituto Insikiran de Formação Superior Indígena da Universidade Federal de Roraima. Financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM). E-mail: mabfreitas@hotmail.com

** Doutora em Ciências Sociais/Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora Associada da Universidade Federal do Amazonas. E-mail: iraildes.caldas@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho traz um relato do trabalho comunitário desenvolvido pelas mulheres indígenas Sateré-Mawé, destacando atenção especial ao projeto de confecção de roupas na comunidade Simão, rio Andirá, município de Barreirinha, Amazonas.

As observações de campo foram realizadas nos meses de abril (10 a 17), junho (27 a 30), 01 de julho e setembro (03 a 10) de 2014, quando tivemos a oportunidade de estar atuando nas comunidades Simão e Umirituba, com a pesquisa *Gênero, etnicidade, práticas sociais e corporais das mulheres Sateré-Mawé em duas comunidades indígenas, no Amazonas*, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (Fapeam), sob a coordenação da professora doutora Iraildes Caldas Torres, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), dentro do Grupo de Estudo, Pesquisa e Observatório Social: Gênero, Política e Poder (Gepos).

As técnicas de pesquisa utilizadas foram a aplicação de questionários de forma aleatória às mulheres indígenas que são mães e constituem famílias, entrevistas e observação participante, com o aporte teórico-metodológico da ciência antropológica – numa perspectiva da etnografia colaborativa para buscar a compreensão da participação das mulheres indígenas Sateré-Mawé na organização social dessa população e na produção da economia de subsistência da comunidade.

Ao falar de uma etnografia sobre populações tradicionais, povos indígenas ou grupos sociais é importante destacar o que Clifford Geertz (1989, p. 38) afirma a esse respeito: "em etnografia, o dever da teoria é fornecer um vocabulário no qual possa ser expresso o que o ato simbólico tem a dizer sobre ele mesmo – isto é, sobre o papel da cultura na vida humana". Aqui é necessário enaltecer esse papel social e político que as mulheres indígenas Sateré-Mawé ocupam na organização social do grupo; bem como a sua participação nos movimentos indígenas do Andirá, desde a luta pela terra e por melhores condições de vida para seu povo.

O embasamento teórico vem das categorias de gênero e trabalho Sacchi (2005), Torres (2011) e Zambrano e Heilborn (2012) a fim de compreender as relações sociais e de poder que faz parte da organização social dos Sateré-Mawé e suas implicações na organização política e nas atividades econômicas.

Por fim, apresentamos esta experiência de campo a partir da atuação da mulher indígena no trabalho comunitário, que marca sua atuação na cultura dos Sateré-Mawé; destacando a inserção do projeto de confecção de roupas para atender demandas da própria comunidade Simão.

2. SITUANDO A COMUNIDADE INDÍGENA SIMÃO

A comunidade indígena Simão está situada a margem direita do rio Andirá, Terra Indígena Andirá-Marau, município de Barreirinha, Estado do Amazonas. A área foi demarcada nos anos de 1980 após muita luta e organização dos Sateré-Mawé que reivindicaram do governo brasileiro as terras ocupadas tradicionalmente por esse povo.

Atualmente a comunidade Simão é composta por 470 pessoas, distribuídas em 95 famílias. A organização política é formada pelo Tuxaua, Capataz e Capitão; tendo como liderança o senhor Donato Lopes da Paz que também é reconhecido como tuxaua geral pelas comunidades do Andirá, mesmo tendo um tuxaua geral de direito que é o senhor Lúcio Miquiles da comunidade Umirituba.

A organização política do rio Andirá é formada pelo Conselho Geral da Tribo Sateré-Mawé (CGTSM) constituído pelos tuxauas das 49 comunidades que estão distribuídas ao longo desse rio. Segundo o senhor Donato o cargo de tuxaua é transmitido pela família sem escolha pelos membros da comunidade, o cargo vem do seu avô Vitoriano da Paz, depois para seu pai Aristides da Paz e hoje na pessoa dele.

No campo da educação, a comunidade dispõe da Escola Municipal Marechal Cândido Rondon, que oferece a educação básica (ensino fundamental e médio) e a

modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Alguns professores já se formaram pela Pedagogia Indígena da Universidade Estadual do Amazonas (UEA) e outros fizeram o magistério indígena pelo Projeto Pira-Yawara[1] da Secretaria de Estado da Educação do Amazonas (SEDUC/AM).

No caso específico do locus da nossa pesquisa, que é a comunidade indígena Simão, a escola vem buscando por meio de atividades escolares recuperar as formas tradicionais da cultura Sateré-Mawé como a dança do gambá, mãe-mãe e fortalecendo o ritual da tucandeira; além das atividades esportivas, incluindo o arco e flecha e canoagem.

Pudemos, averiguar e/ou identificar esses momentos na festa religiosa de São Pedro, em junho deste ano quando a escola promoveu a quadrilha nos festejos religiosos; além de outros momentos nas datas comemorativas como Dia das Mães, 19 de abril – Dia do Índio, Dia dos Pais, Dia das Crianças, Natal entre outros.

Nesse processo educativo, as mulheres indígenas também participam de atividades esportivas como futebol de campo (formaram dois times, sendo um o Coração Valente e o outro Tucandeira, *Watyama*, em língua Sateré-Mawé) e voleibol como atividade mista, envolvendo homens e mulheres, nos finais de tarde, no campo da comunidade.

Percebemos nos nomes dos times o simbolismo feminino do coração como amor fraterno/irmandade e a tucandeira, onde as mulheres tem presença marcante nesse ritual de passagem do jovem homem ao mundo adulto na cultura dos Sateré-Mawé.

Aqui a identidade feminina é definida em contraste à tradição do futebol como

[1] Projeto criado pelo antigo Instituto de Educação Rural do Amazonas (IER-AM), depois de extinto vai para a Gerência de Educação Escolar Indígena da SEDUC/AM. O referido projeto vem desde 1997 qualificando e capacitando professores indígenas em parceria com as Prefeituras Municipais, em cumprimento à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei nº 9.394/96, artigos 78 e 79 da referida lei. O projeto habilita o professor indígena em nível de ensino médio/magistério para atuação na educação básica, nos anos iniciais do ensino fundamental. A experiência inicial foi com o povo Sateré-Mawé, depois os Mura e Munduruku; ao longo dos anos foi se expandindo aos demais povos indígenas do Amazonas.

algo exclusivo dos homens; criando assim seu espaço de expressão corporal e lazer, se assim podemos afirmar. Poderíamos recuperar a ideia de identificação de Stuart Hall (2005, p. 39), que vê a identidade como um processo em andamento.

Com relação à saúde, está integrada ao modelo do Distrito Sanitário Especial Indígena de Parintins (DSEI), que tem dois agentes indígenas de saúde e um agente indígena de saneamento contratados pela Missão Cauá (organização não governamental de cunho religioso, terceirizada pela Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai), da Presidência da República do Brasil, além de um bote de alumínio com motor 15Hp doado pela Prefeitura Municipal de Barreirinha (PMB), que transporta os pacientes até o polo-base, na comunidade Umirituba; que dista aproximadamente uma hora subindo o rio Andirá.

Além desse modelo de saúde indígena instituído desde 2009 pelo Estado Brasileiro como subsistema de atenção à saúde das populações indígenas, integrado no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), a comunidade ainda desenvolve a medicina tradicional indígena, com a valorização do pajé, das parteiras indígenas, rezadores e uso dos remédios caseiros.

No início dessa política de saúde houve uma certa resistência por parte da equipe multidisciplinar de saúde, mas com o tempo essas formas tradicionais dos Sateré-Mawé foram sendo valorizadas e respeitadas pelos profissionais de saúde contratados pelo referido distrito sanitário, ou seja, há hoje um certo diálogo dos ditos saberes indígenas com os conhecimentos técnico-científicos do mundo ocidental.

No aspecto religioso, essa comunidade é de *origem* católica, onde tem como padroeiro São Pedro, comemorando os festejos nos dias 26 a 29 de junho e desenvolvendo várias atividades como bingos, leilão, quadrilhas, batizados, crisma e vendas de comidas nas barracas durante as festividades do padroeiro. Cabe destacar que nos últimos quatro anos foi proibido a festa dançante a fim de evitar consumo de bebidas alcoólicas e *brigas/confusões* entre os moradores e visitantes das comunidades adjacentes.

3. TRABALHO COMUNITÁRIO E A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES INDÍGENAS

Na cultura Sateré-Mawé, o *puxirum* é o exemplo maior do trabalho comunitário em que as famílias praticam na roça, envolvendo homens, mulheres, crianças e jovens. Além do *puxirum*, o trabalho na roça é executado num primeiro momento pelos homens, com a derrubada, queimada e preparação do local para a plantação de roças; num segundo momento as mulheres e crianças participam com o plantio da maniva e por último vem a retirada da mandioca, o descasque e torrefação da farinha, trabalho que envolve principalmente as mulheres, mas durante essa última fase as crianças e jovens se envolvem também.

O plantio da mandioca é determinante na cultura dos Sateré-Mawé, com seu trabalho e derivados, outras tipos de plantios são desenvolvidos como o cará, a banana, alimentos que fazem parte de sua dieta, mas também vendem aos regatões e no comércio local de Barreirinha.

Outro elemento cultural importante no mundo Sateré-Mawé é o plantio do guaraná que traz o mito de origem do seu povo como sendo *filhos do guaraná*, é o surgimento da vida desses indígenas. Desse produto é feita a bebida tradicional *çapó*, preparado exclusivamente pelas mulheres, que é servido nos momentos comemorativos/festivos, reuniões e assembleias comunitárias e no dia a dia da comunidade. As famílias Sateré-Mawé não vivem sem tomar o çapó na sua vida social comunitária.

Segundo Sônia da Silva Lorenz (1992, p. 11),

> Os Sateré-Mawé são os inventores da cultura do guaraná, isto é, foram eles que transformaram uma trepadeira silvestre em arbusto cultivado. À domesticação desta planta somou-se a criação do processo de beneficiamento do guaraná. O guaraná é uma planta nativa da região das terras altas da bacia hidrográfica do rio Maués-Açu, precisamente onde é o território tradicional Sateré-Mawé.

Além do guaraná, roça e çapó que marcam esse povo indígena; também é

importante na organização social dessa população a bebida *tarubá*[2] que com o passar dos anos foi sendo abandonada como prática exclusiva feita pelas mulheres, por conta do contato com a nossa sociedade; portanto, essa prática tradicional tem sido pouco vivenciada atualmente na vida social desses indígenas; entretanto está na memória coletiva de homens e mulheres.

A fabricação de artesanatos ainda é presente na vida social dos Sateré-Mawé, na confecção de paneiros, jamaxis, remos, canoas, banco de molongó, colares e pulseiras de sementes e fibras de palmeiras; sendo comercializados principalmente nos meses de junho, no Festival Folclórico de Boi-Bumbá de Parintins e em agosto na festa religiosa do Bom Socorro e Festival de Bois (touros Branco e Vermelho e Preto e Azul), em Barreirinha.

As mulheres indígenas em tempos pretéritos organizaram-se política e socialmente com a criação da Associação das Mulheres Indígenas Sateré-Mawé (AMISM), tendo a frente a liderança feminina Zenilda (*in memorian*). Atuando nas assembleias do CGTSM, na OPISM e nos movimentos de mulheres, em nível regional e nacional, ou até mesmo internacional, com a participação de representantes; além de buscar alternativas econômicas.

Segundo Ângela Sacchi (2005, p. 143),

> O fenômeno migratório das décadas de 1970 e 1980 foi o fator responsável pela constituição de duas organizações de mulheres indígenas situadas em Manaus, a AMARN e a Associação das Mulheres Indígenas Sateré-Mawé (AMISM), embora haja diferenças visíveis ente as duas.

Percebe-se que o processo de contato com a nossa sociedade também foi determinante na criação dessas organizações em virtude dos diálogos interculturais que propiciaram aprendizagens às mulheres indígenas para fortalecerem suas identidades étnicas e buscarem alternativas econômicas para as suas comunidades

[2] Bebida extraída da mandioca com fermentação natural servida nas solenidades culturais e religiosas da comunidade; porque só as mulheres podem mexer, é parte da cultura delas. Se o homem fizer pode trazer coisa ruim para a comunidade.

indígenas; porque o vínculo identitário não foi perdido com a migração. Pelo contrário, se organizaram também no contexto urbano e criaram novas formas de sociabilidades no espaço da cidade para reprodução física e cultural de suas origens de pertencimento indígena.

Sacchi (2005, p. 144) destaca ainda que:

> Ao contrário das mulheres da AMARN, que migraram solteiras para Manaus, a migração Sateré-Mawé ocorreu sobretudo por intermédio de redes de parentesco. As mulheres se empregaram como domésticas, mas também buscaram outras alternativas para a sobrevivência no espaço urbano, processo que se refletiu na própria constituição da AMISM, hoje uma organização voltada para o trabalho com o artesanato e para a auto-sustentação. As indígenas, depois de diversos projetos fracassados por desentendimentos internos – de corte e costura e lavagem de roupa, por exemplo -, organizam-se formalmente em 1992. Em 1995, ocorreu a primeira assembleia e a criação de seu estatuto.

Na época de sua criação, a AMISM exerceu uma função social para os Sateré-Mawé de Manaus, mas também para os que vivem na TI Andirá-Marau, com projetos de reflorestamento, em virtude da confecção de artesanatos; da coleta seletiva de lixo, por conta da inserção de novos hábitos alimentares na comunidade em virtude das relações interculturais com a nossa sociedade; além de guiar as atividades de subsistência das famílias indígenas que vivem no espaço urbano e nos municípios de Barreirinha e Maués.

Hoje está acontecendo uma certa desarticulação e desmobilização dessa organização. Podemos nos perguntar o que tem levado a essa situação? Não é a nossa pretensão responder essa indagação nesse texto, ficando apenas como inquietação para estudos futuros.

Por outro lado, na organização social da comunidade Simão, a presença da mulher indígena é muito forte em todos os momentos. É perceptível a relação de controle e poder que elas exercem na vida comunitária com suas práticas tradicionais na vida cultural dos Sateré-Mawé. Um poder que é micro, está nos diversos processos e ações/atitudes, aqui lembramos de Michel Foucault em *Microfísica do poder*, que traz uma análise desse poder que é processual e micro

nas relações sociais. Podemos também compreendê-lo nas relações sociais dessas mulheres indígenas da comunidade Simão.

No ritual da tucandeira, momento de educação e saúde dos meninos ao optarem por colocarem a mão na luva com as formigas tucandiras. Esse ritual determina a alteridade do jovem Sateré-Mawé frente a sua própria família e as suas escolhas na comunidade como caçador, pescador, constituir família, pajé e proteção espiritual. Nesse ritual, as mulheres tem papel importante com o preparo do çapó e comidas a serem oferecidas aos convidados; além de entrarem na roda de danças e cantarem juntamente com os homens.

A questão identitária das mulheres indígenas é marcante em todos as expressões culturais dos Sateré-Mawé, sendo visto e percebido em todos os momentos da vida social e comunitária. Aqui podemos reforçar o papel identitário que elas exercem na manutenção e reprodução da cultura dessa população.

As mulheres indígenas, em tempos pretéritos, estiveram bastante organizadas politicamente, com a criação da Associação das Mulheres Indígenas Sateré-Mawé (AMISM), tendo à frente a liderança feminina Zenilda (*in memorian*). Atuando nas assembleias do CGTSM, na OPISM e nos movimentos de mulheres em nível regional e nacional, ou até mesmo internacional, com a participação de representantes.

Nas relações homem *versus* mulher ou mulher *versus* homem, na sua condição de identidade de gênero, vejamos como Elizabeth Zambrano e Maria Luiza Heilborn (2012, p. 412) tratam dessa temática:

> Gênero é conceito corrente utilizado para designar os modos de classificar as pessoas como pertencentes a mundos sociais, a princípio, organizados pelas diferenças de sexo. A expressão *identidade de gênero* alude à forma como um indivíduo se percebe e é percebido pelos outros como masculino ou feminino, de acordo com os significados que esses termos têm na cultura a que pertencem.

No aspecto que estamos abordando, a mulher indígena Sateré-Mawé se percebe como sujeito importante na organização social da comunidade, tanto nos

afazeres domésticos como também na economia de subsistência para as famílias, por exemplo, no plantio da roça.

Ao tratar dessa separação do trabalho masculino e feminino, Jucelém Guimarães Belchior Ramos (2009, p. 197) destaca:

> Por sua característica basicamente relacional, o conceito de gênero procura destacar que os perfis de comportamento feminino e masculino definem-se um em função do outro. São social, educacional, cultural e historicamente construídos num tempo e espaço determinados.

Podemos exemplificar no ritual da tucandeira essa dicotomia social e cultural construída historicamente na cultura dos Sateré-Mawé, momento de educação e saúde dos meninos, ao optarem por colocarem a mão na luva com as formigas tucandiras.

E assim a mulher indígena Sateré-Mawé delimita a sua atuação nas solenidades culturais da comunidade, tornando-se sujeito político e social imprescindível para a manutenção dessas manifestações culturais. Talvez a mesma não se veja dessa forma, mas suas ações e atitudes são definidoras nos rituais e festividades comunitárias.

4. A EXPERIÊNCIA DO PROJETO DE CONFECÇÃO DE ROUPAS

É interessante ressaltar que durante a aplicação dos questionários em campo junto às mulheres indígenas, vários tipos de trabalho foram elencado por elas, mas em nenhum momento esse projeto teve visibilidade. Entretanto, a relevância da observação participante como uma tradição da ciência antropológica é importante para descortinar o invisível; nesse caso, o projeto de confecção de roupas.

Além do trabalho na roça que outra atividade você desenvolve? Essa é uma pergunta que consta no questionário aplicado. Vejamos as respostas de 40 mulheres que foram entrevistadas nas várias faixas de idade. Eis as respostas: cuidar da casa e dos filhos; buscar palha na floresta/mata; artesanato; parteira; estudar; escola;

carregar água; auxiliar administrativo; coordenadora da escola; professora; fazer a limpeza da rua/comunidade; catequista; caçadora; ajuda na igreja; cantora na igreja.

O trabalho desenvolvido na produção e confecção de roupas só é possível *descobrir* quando mergulhamos na comunidade com mais tempo e vivência; sendo possível numa segunda visita que fizemos à comunidade na festa religiosa de São Pedro. Como aconteceu essa *descoberta* quando dormimos na casa cedida pela comunidade para os nossos pernoites. Ao adentrar nesse espaço percebemos máquinas de costurar, no total de cinco. Foi aí que começamos a buscar informações sobre esse trabalho comunitário. Assim, conseguimos dados com o padre Enrique Ugé, responsável pela igreja senhor Bernardino, e com dona Evarista.

O trabalho comunitário na vida dos Sateré-Mawé é marcado com a presença firme e atuante das mulheres indígenas; além das formas tradicionais culturais que elas participam, há outras formas de atuação dessas mulheres em contato com a sociedade citadina, também com a influência da Igreja Católica, onde se pode exemplificar com o projeto de produção e confecção de roupas para a própria comunidade.

O trabalho na produção de roupas para a comunidade Simão vem sendo desenvolvido desde 2007 com o apoio da Diocese de Parintins, que adquiriu cinco máquinas de costuras para a implantação desse projeto comunitário. As mulheres indígenas foram capacitadas no ofício de costureira a fim de dominar as máquinas e técnicas de corte e costura. Esse projeto funciona como um *Clube de Mães* na comunidade, porque há uma boa participação das mães.

A produção de vestuários masculinos e femininos vem atender apenas as demandas da própria comunidade. O comércio se dá com a venda e troca das roupas produzidas entre os próprios comunitários. Os tecidos são adquiridos e comprados no comércio de Barreirinha, ou às vezes em Parintins.

Cabe ressaltar que as meninas também participam dessa atividade no corte dos moldes das roupas e às vezes manipulam também as máquinas, quando já se tem certo domínio e está na fase juvenil, segundo informação da senhora Evarista

Carlos de Freitas, que coordena o projeto.

Esse trabalho se dá principalmente no período em que as mulheres indígenas saem do cultivo da roça, ou seja, elas atuam na entressafra/colheita, fazendo esse trabalho de confecção de roupas nos meses de janeiro a junho. A coordenação do projeto é feita pela senhora Evarista Carlos de Freitas, que inclusive fez curso de corte e costura nos anos de 1992, ofertado pela Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Amazonas (EMATER-AM).

Durante o nosso período de campo, não foi possível registar o quantitativo dessa produção em número de peças e valores; mas pelas conversas com dona Evarista e seu esposo senhor Bernardino, percebemos que o projeto tem relevância social para a comunidade.

Esse projeto traz a ideia de empoderamento das mulheres indígenas Sateré-Mawé ao buscar novas formas de sociabilidades e também de alternativas econômicas, mesmo sendo um modelo voltado para a própria comunidade.

Ao falar de empoderamento, podemos corroborar com as ideias de Iraildes Caldas Torres e Wagner dos Reis Marques Araújo (2011, p. 254) que trabalharam com mulheres Tikuna na cidade de Manaus, mas repercute noutras culturas e povos indígenas para a nossa abordagem analítica em tela. Segundo esses autores:

> O empoderamento de mulheres indígenas organizadas em “associações” é visível, mas estender as garantias sociais e dar visibilidade aos povos indígenas consiste num processo lento e gradativo. A visibilidade alcançada por algumas mulheres indígenas é associada ao contato com a sociedade envolvente.

Também constatamos essa relevância num breve diálogo com o padre Enrique Ugé que desenvolve atividades religiosas com os Sateré-Mawé há mais de três décadas, enaltecendo que o projeto foi uma iniciativa da Diocese de Parintins com o objetivo de promover outras alternativas econômicas aos indígenas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos a importância que a mulher indígena Sateré-Mawé ocupa na organização social dessa população; além do protagonismo político que exerce no rio Andirá quando constituiu a AMISM na cidade de Manaus, sem perder os vínculos societários com a terra indígena e seu povo.

Outro aspecto relevante é a manutenção e valorização da cultura indígena nos rituais da Tucandeira, dieta alimentar com o cultivo da roça e preparação da bebida tradicional çapó onde suas habilidades de mulher indígena são materializadas no fazer da cultura Sateré-Mawé; perdurando até os dias atuais mesmo com o processo colonizador que sofreram ao longo desses mais de quatrocentos anos de contato com a sociedade ocidental.

Uma mulher dedicada também ao cuidado dos filhos e atividades domésticas na criação de aves e torrefação de farinha para sua subsistência, seja para consumo familiar ou venda no comércio local. Há a ocupação noutros cargos do serviço público, que chegam à comunidade por meio de investimentos em educação e saúde. A relação de gênero que envolve homens e mulheres é bem definida na organização social e cultural dos Sateré-Mawé, mesmo tendo uma predominância patrilinear na definição dos clãs, quando são constituídas as famílias.

O trabalho comunitário e a experiência vivida com o projeto de confecção de roupas vem mostrar um certo *empoderamento* das mulheres indígenas na comunidade Simão, quando as mesmas são capacitadas e organizam-se também para buscar melhores condições de vida para as famílias, saindo da dependência do companheiro como o *único* provedor da casa.

Podemos afirmar uma alteridade na identidade de gênero que se dá pela autonomia política e social das mulheres indígenas Sateré-Mawé, seja na própria AMISM, na condição de professoras ou quando elas participam das manifestações culturais (alimentação e preparo de bebidas tradicionais).

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Wagner dos Reis Marques; TORRES, Iraildes Caldas. Trajetória da vida e de trabalho de mulheres indígenas em Manaus/AM. In: TORRES, Iraildes Caldas; SANTOS, Fabiane Vinente dos. (orgs). **Intersecção de gênero na Amazônia**. Manaus: EDUA, 2011. p. 219-237.

GEERTZ, Clifford. **O saber local**: Novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes, 1998. Tradução de: Vera Mello Joscelyne.

_____. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005. Tradução de: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro.

LORENZ, Sônia da Silva. **Sateré-Mawé: os filhos do guaraná**. São Paulo: Centro de Trabalho Indigenista, 1992. (Coleção Projetos).

RAMOS, Jucelém Guimarães Belchior. Relações de gênero: trabalho e educação. In: BAÇAL, Selma (org.). **Trabalho, educação, empregabilidade e gênero**. Manaus: EDUA, 2009. p. 190-206.

SACCHI, Ângela. Mulheres indígenas: o processo organizativo e as demandas de gênero. In: VERDUM, Ricardo (org). **Assistência técnica e financeira para o desenvolvimento indígena: possibilidades e desafios para políticas públicas**. Rio de Janeiro/Brasília: Contra Capa/Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2005. p. 141-161.

ZAMBRANO, Elizabeth; HEILBORN, Maria Luiza. Identidade de gênero. In: SOUZA

LIMA, Antonio Carlos de (Coord. Geral). **Antropologia & Direito: temas antropológicos para estudos jurídicos**. Rio de Janeiro/Brasília: ABA/Contra Capa/Laced, 2012. p. 412-419.